

JUVENTUDES NA EJA DE ENSINO MÉDIORosemeire Reis (UFAL)¹Angélica Silvana Pereira (UFAL)²Maria Priscila da Silva (UFAL)³

Agência de fomento: CNPq

Este artigo analisa tensões entre as juventudes e pessoas adultas na Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio noturno, a partir dos resultados parciais de um estudo exploratório e de grupos de discussão, realizados com estudantes do último ano do Ensino Médio de uma escola pública de Maceió. Trata-se de parte de uma pesquisa mais ampla, realizada com jovens do vespertino e jovens e adultos do noturno sobre aspectos constitutivos de suas vidas, de sua relação com a escola, com os estudos e com seus planos de futuro. Esta investigação, intenta apreender as perspectivas dos sujeitos sobre e experiência escolar, considerando o espaço escolar como um “site”, que conforme Van Zanten permite o cruzamento de diferentes procedimentos de pesquisa. Neste estudo estamos utilizando questionários, grupos de discussão, entrevistas semiestruturadas. Parte-se do pressuposto de que não existem “o jovem” e “o adulto”, mas juventudes e pessoas adultas, homens, mulheres, como sujeitos históricos e socioculturais, com seus diferentes modos de viver, se expressar e de se relacionar com o mundo e que precisam ser reconhecidas pela escola. Nesta análise identificam-se aspectos específicos por se tratar do período noturno, que recentemente passou para a modalidade Educação de Jovens e Adultos, diminuindo o tempo do curso. Estes estudantes se sentem marcados por esta condição, que, segundo eles, não possibilita o mesmo tempo e qualidade de escolarização dos colegas do vespertino com o ensino “regular”. Com este sentimento de estudantes de “segunda categoria” convivem neste espaço estudantes que trabalham o dia inteiro, que afirmam utilizar os momentos de lazer para dormir, que geralmente têm mais dificuldade para utilizar a informática e jovens que buscam viver suas juventudes a partir de atividades de lazer, de encontro com os amigos, música, dança e que utilizam a informática como modo de se expressar e comunicar entre si. Portanto, nestas primeiras análises, os jovens, por exemplo, se referem aos colegas como idosos. Os estudantes com mais idade identificam uma parte dos jovens como desinteressados pela escola, pelos estudos e trazem à tona um sentimento de que sofrem preconceito pelos jovens. Estes sujeitos, no diálogo entre si, expressam a tensão velada no cotidiano escolar e identificam que os problemas de estarem na modalidade EJA, contra sua vontade e os preconceitos vivenciados como

¹ Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), mestre e doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Educação-Universidade de São Paulo. É líder do grupo de pesquisa *Juventudes, Culturas e Formação* (PPGE/UFAL)

² Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), mestre e doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisadora do grupo de pesquisa *Juventudes, Culturas e Formação* (PPGE/UFAL).

³ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), aluna de iniciação científica (PIBIC 2011-2012) e integrante do grupo de pesquisa *Juventudes, Culturas e Formação* (PPGE/UFAL).

conflitos de geração se instauram principalmente pelo modo como os gestores e professores da escola se relacionam com estes estudantes, pela divisão das salas pelo critério de idade, pelos discursos apreendidos de que aqueles de dificuldade de aprendizagem daqueles com mais idade. É unânime entre eles a queixa de que não são consultados em relação à vida escolar, ao currículo e às regras da escola, dentre outros aspectos e de que as decisões tomadas na escola contribuem para aprofundar os preconceitos vivenciados na instituição.

Palavras-chave: Juventudes na EJA, Ensino Médio, ensino noturno

1. Introdução

Este artigo analisa aspectos da vida dos sujeitos, estudantes de uma escola de ensino médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos e tensões identificadas na experiência escolar de juventudes e pessoas adultas na Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio noturno, a partir dos resultados parciais de um estudo exploratório e de grupos de discussão, realizados com estudantes do último ano do Ensino Médio de uma escola pública de Maceió⁴. Trata-se de parte de uma pesquisa mais ampla, realizada com jovens do vespertino e jovens e adultos do noturno sobre aspectos constitutivos de suas vidas, de sua relação com a escola, com os estudos e com seus planos de futuro. Esta investigação, intenta apreender as perspectivas dos sujeitos sobre a experiência escolar, considerando o espaço escolar como um “site”, que conforme Van Zanten permite o cruzamento de diferentes procedimentos de pesquisa. Neste estudo estamos utilizando questionários, grupos de discussão e entrevistas semiestruturadas. Parte-se do pressuposto de que não existem “o jovem” e “o adulto”, mas juventudes e pessoas adultas, homens, mulheres, como sujeitos históricos e socioculturais, com seus diferentes modos de viver, se expressar e de se relacionar com o mundo e que precisam ser reconhecidas pela escola.

2. Algumas questões do ensino médio

Pode-se verificar uma progressiva ampliação do acesso à escolarização para crianças, jovens e adultos nas últimas décadas, tanto no Brasil como em âmbito mundial. Existem especificidades dessa ampliação em cada país, de acordo com seu processo histórico, condição econômica, cultural e política, que merecem ser analisadas.

⁴Trata-se de uma pesquisa desenvolvida pelo grupo de pesquisa *Juventudes, Culturas e Formação*, o qual é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal de Alagoas. Ambos são coordenados pela Prof^a Dr^a Rosemeire Reis. A referida investigação conta com o financiamento do CNPq (2010-2012).

Apesar de tais especificidades, são recorrentes as manifestações de insatisfação com o resultado da expansão escolar. Em relação ao contexto brasileiro, Menezes (2001), bem como Galvão e Sposito (2004) afirmam que

[...] a acelerada urbanização do país, a exigência de maior escolaridade para o trabalho e a afirmação, em textos legais, da educação escolar como um direito de crianças e jovens decorrente do novo desenho institucional provocado pela transição democrática integram a configuração sociopolítica que pressionou a escola a abrir-se para um público para quem até então esta era uma realidade distante (2004, p. 346).

Explicam, ainda, que esse processo de expansão decorre de um movimento interno do sistema escolar, como consequência da ampliação do acesso a níveis básicos, produzindo uma maior demanda por continuidade, fazendo com que as pressões para expansão nos níveis mais elevados tendam a aumentar.

Os argumentos são de que é necessário superar o caráter propedêutico e a dualidade do sistema e por isso o ensino profissionalizante passa a situar-se após o nível médio. No entanto, podemos identificar que a "cultura preparatória", um ensino propedêutico voltado para a preparação ao vestibular, é preponderante na história deste nível de ensino e ainda marcante nas práticas escolares.

Além disso, muitos estudos indicam que a expansão do ensino médio não correspondeu a uma efetiva democratização do acesso aos conhecimentos sistematizados para todos aqueles que passaram a frequentar os patamares mais elevados do ensino, muito menos em relação à promessa de melhores oportunidades de trabalho àqueles que ampliaram o grau de escolaridade. Várias pesquisas demonstram que a reforma do ensino médio, pretendida pelo MEC, na gestão 1994-2002, não proporcionou os resultados esperados pelos seus idealizadores (KUENZER, 2000; ZIBAS, 2001; GALVÃO e SPOSITO, 2004). As propostas apresentadas nesta reforma, como, por exemplo, a mudança curricular por áreas de conhecimento, numa perspectiva interdisciplinar, não se viabilizaram no cotidiano das escolas.

A Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9.394/96) organizou o ensino médio como última etapa da educação básica e também a possibilidade do ensino médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos.

2- Caminhos da pesquisa: questionários e grupos de discussão

Neste texto apresentamos aspectos apreendidos em questionários e no grupo de discussão com jovens e adultos do noturno. O questionário foi composto de cinquenta e cinco questões. Neste primeiro momento o objetivo foi realizar um levantamento geral de aspectos da vida, do trabalho, das práticas culturais dos estudantes (vinte e três questões) e também de sua relação com a escola e com os estudos (vinte e sete questões). A partir dele surgem os questionamentos que foram focalizados na segunda etapa da pesquisa, qualitativa, com a participação dos estudantes em grupos de discussão e entrevistas individuais. No período noturno responderam cem jovens e adultos responderam ao questionário. Para o tratamento dos dados foi utilizado o programa PSPP que é “um software livre disponibilizado para análises estatísticas sobre matrizes de dados. Permite gerar relatórios tabulados, normalmente utilizados na realização de análises descritivas e inferências a respeito de correlações entre variáveis.” (GNU-PSPP, 2010 apud SANTOS, 2011, p. 97)..

Realizamos dois encontros com jovens do vespertino e com jovens e adultos do noturno em outubro e novembro de 2011. Estes encontros tiveram como referência os pressupostos do “grupo de discussão”, conforme Wivian Weller. Segundo a autora, estes grupos “se constituem como representantes de estruturas sociais, ou seja, de processos comunicativos nos quais é possível identificar um determinado modelo de comunicação” (WELLER, 2006, p. 246). Tal procedimento de pesquisa privilegia a apreensão de experiências coletivas como características sociais do grupo pesquisado, proporcionando a reconstrução dos contextos sociais e dos modelos que orientam as ações dos pesquisados. A autora argumenta que o grupo de discussão permite apreender o diálogo mais próximo da realidade do grupo e captar detalhes do convívio do grupo, por pertencerem ao mesmo meio social, por privilegiar o diálogo interativo entre os participantes, diminui a interferência do entrevistador no grupo já que estão entre colegas de mesma faixa etária e acrescenta que

a discussão em grupo exige um grau de abstração maior do que a entrevista individual, uma vez que durante a entrevista os jovens são convidados a refletir e expressar suas opiniões sobre um determinado tema. O grupo de discussão pode levar também a conclusões sobre as quais os jovens ainda não haviam pensado ou pelo menos ainda não haviam refletido nesse grau de abstração (WELLER, 2006, p. 250)

Cada encontro foi iniciado com uma questão mais ampla que permitiu a discussão entre os participantes e, posteriormente, utilizamos alguns gráficos com resultados de

questões do questionário, para fomentar o diálogo no grupo. No primeiro encontro foram selecionadas questões relacionadas à primeira parte dos questionários, que focalizava aspectos da vida fora da escola, espaços de lazer, condição social e econômica e, no segundo encontro, as questões focalizadas diziam respeito à segunda parte do questionário, com aspectos relacionados à relação com escola e com os estudos.

No grupo de discussão no noturno era composto por três estudantes eram de uma turma e quatro de outra, do último ano do ensino médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (o curso ficou reduzido há dois anos). As duas turmas foram divididas na escola pelo critério de idade. No final do segundo encontro do grupo de discussão responderam um formulário da qual apresentamos abaixo algumas informações que ajuda na identificação do grupo:

- ✓ 2º A: um rapaz de 17 anos, duas estudantes de 18 e 19 anos, solteiros. Uma estudante escreve que trabalha como manicure. Sobre o que pretendem fazer no futuro o estudante declara engenharia, uma estudante quer ser juíza e outra jornalista.
- ✓ 2º B: dois adultos: um rapaz de 29 anos e outro de 52 anos. Duas mulheres: uma de 36 e outra de 42 anos. Um homem e uma mulher casados, uma viúva e um solteiro. Sobre o plano de futuro, uma quer ser cozinheira, outra talvez faça História e os outros dois não responderam.

3- Aspectos da vida cotidiana e da relação com o ensino médio para os sujeitos pesquisados

Dos cem estudantes jovens e adultos que responderam ao questionário 40% eram homens e 60% mulheres e se somadas as idades de 14 a 29 anos, a maioria, 78%, tem até 29 anos, perfazendo, mesmo em termos etários uma configuração de pessoas mais jovens. Em relação ao trabalho, 61% responderam que trabalha e 29% que não. Se considerarmos que o curso noturno seria para aqueles que trabalham essa porcentagem de 29% que não trabalha parece alta. Pode-se considerar que mesmo que não trabalhem estes estudantes devem estudar à noite na expectativa de obter um emprego ou mesmo que trabalham em atividades não formais.

Em relação à remuneração da família 33% afirma que ganha até 510,00, 23% de 501,00 a 800,00 e 12% recebe bolsa família. Portanto, 68% dos pesquisados no noturno tem renda familiar de até 800, 00, Afirnam possuir renda familiar de 801 a 1100,00

21%, 7% de 1101,00 a 1500, 00 e apenas 4% de mais de 1500,00. Todos afirmam que possuem televisão em casa, 40% deles têm computador e 37% internet. Em relação à utilização da internet, que poderia ser para aqueles que têm computador em casa, mas também para aqueles que utilizam lan house, identifica-se que a maioria, 78% afirma que utiliza a internet para pesquisas escolares, seguidos de 48% que utilizam em redes sociais (orkut, facebook, twitter, blog, etc.) e de 28% que afirmam realizar outro tipo de pesquisa. Esses resultados, mesmo que modestos, desfazem algumas ideias de que os estudantes do ensino médio noturno seriam bem mais velhos do que aqueles do vespertino e de que não teriam acesso às novas tecnologias, redes sociais. Em relação aos espaços para a sociabilidade, o lazer, os jovens e adultos que participaram da pesquisa optaram por festas (67%) e praia (67%) as atividades mais realizadas no último ano, seguidos de show (67%). Foram poucos aqueles que optaram por cinema (14%), museu (11%) e teatro (6%). Para 9% deles nenhum desses lugares seriam opções de lazer no último ano. Pode-se inferir que Maceió, como uma cidade litorânea, possibilita o acesso à praia, mas também a menor frequência em relação aos cinemas, museus e teatros. Os jovens no grupo de discussão, ao discutir em relação a esses resultados afirmavam que esses espaços: museu, teatro seriam muito “morgados” e quando perguntamos o significado do termo, explicaram que consideravam estas atividades muito paradas.

Em relação ao lugar para encontrar amigos a escola foi mais citada, por 78% dos estudantes. Isto pode sinalizar que apesar de possíveis dificuldades relacionadas à aprendizagem ou mesmo nas relações que ocorrem na escola, ela acaba se configurando na principal referência para eles. Os outros espaços preferidos foram indicados na seguinte ordem: o bairro, por 36% dos estudantes da noite; em casa, com 45% da preferência dos estudantes da noite e por fim, a rua, que foi indicada por 23% dos alunos da noite. Os demais espaços, como *shopping*, outros bairros, ou outros lugares formam assinalados com expressividade menor. Pode-se afirmar que a instituição escolar assume uma grande importância na vida destes jovens e adultos, importância esta que não está necessariamente vinculada com as questões de mobilização em relação aos estudos. Além disso, as respostas para esta pergunta podem indicar a ausência de acesso a outros espaços de sociabilidade e também muitos deles estuda nesta escola, próxima de casa, desde o ensino fundamental. Se outros espaços de sociabilidade são remotos em suas vidas, é provável que os amigos e os grupos com os quais convivem sejam, na sua maioria, os colegas de escola. Chamou a atenção que 66% destes

estudantes consideram que não participam de grupos. No grupo de discussão houve uma explicação para tal porcentagem alta. Disseram que a questão estava formulada com o termo participação em grupos ou galeras e para eles a palavra galera tem um significado de grupo da bagunça, de pessoas que fazem coisas erradas. Explicam ainda que pertencem a grupos, mas de colegas na escola, nas atividades escolares.

Em relação ao que gostariam de fazer no futuro, 57% optam por estudar numa universidade, apenas 18% optam por curso profissionalizante e 17% trabalhar por conta própria. Quando indagados sobre a prioridade de formação no ensino médio, na visão de 54% da noite, o Ensino Médio deveria ter como prioridade formar para o ingresso no curso superior; 42% consideram que a prioridade deveria ser formar para o mercado de trabalho e para 12% dos alunos da noite seria desenvolver o sujeito como ser humano e cidadão. Observa-se que um percentual significativo apresenta como prioridade o ensino superior. Porém, há ainda 54% de jovens e adultos da noite que apresentam outras prioridades. Portanto, pelo resultado do questionário, como em outros estudos, pode-se afirmar que para o conjunto dos estudantes, o ensino superior não é o único projeto vislumbrado com a escolarização no ensino médio. No entanto, quando analisamos as questões tratadas no grupo de discussão do noturno, dos sete participantes para cinco deles expressaram ter o sonho de prosseguir os estudos e entrar no ensino superior. Apenas dois estudantes explicam que o interesse deles é apenas finalizar o ensino médio e que não pretendem estudar na universidade. Um deles explica

chega um limite que você...às vezes, também, tem hora assim que dá vontade de você desistir de tudo ali, com toda dificuldade que você encontra pela frente, é trabalho, é família, é tudo, aí às vezes, fica aquele negócio puxado. aí concluindo pelo menos o ensino médio, oxe, era bom demais (Gabriel)

Identifica-se também que mesmo tendo sonhos de ingressar na universidade uma parte significativa deles parece encarar tal sonho como algo distante, em razão das condições de vida. Este aspecto pode-se, também, identificar no resultado dos questionários. Quase 50% deles afirmam ter realizado no ensino médio, também cursos extracurriculares. Buscam caminhos possíveis na realidade difícil. Consideramos que estas pessoas utilizam “táticas” no sentido atribuído por Certeau (2007). Se aqueles que utilizam as estratégias têm uma visão ampla das situações, conseguem mapeá-las para tomar as decisões, para Certeau, nas atividades cotidianas, os sujeitos muitas vezes precisam agir sem essa visão ampla do contexto no qual está agindo. Estes sujeitos

precisam aproveitar a ocasião e, portanto, fazem uso das “táticas”. Explica o autor que a tática é

[...] um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que o outro como totalidade visível A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreende-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base para captar o seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. [...] Essas táticas manifestam igualmente a que a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição (2007, p. 47)

Em relação aos estudantes do grupo de discussão, tanto os mais jovens, como adultos se sentem decepcionados com o ensino médio por considerar que aprenderam pouco, o que os impedirá de realizar o projeto de entrar na universidade. Questionados sobre o motivo para este sentimento de que o ensino médio não está atendendo suas expectativas, as explicações foram de que o ensino na modalidade educação de jovens e adultos diminuiu o tempo de estudos e de deixaram de estudar conteúdos importantes, que pudesse prepará-los para o ensino superior. Alguns começaram a comentar que esta formação do ensino médio é importante, por exemplo, para emprego como “gari”, porque sem este diploma nem tal trabalho é possível alcançar. Além disso, enfatizam a questão da ausência de professores em determinadas disciplinas, especialmente em relação aquelas das áreas exatas, como também a falta dos docentes no período letivo na escola. Alguns citam ainda a falta de infraestrutura, em especial, em relação ao laboratório e à sala de informática, que não foram utilizados em todo o tempo no ensino médio. Outros afirmam que realizam prioritariamente trabalhos em grupo para conseguirem as notas, o que não garante a aprendizagem dos conteúdos propostos.

Eu esperava mais da parte da aprendizagem. Eu tô em parte decepcionada, to saindo formada sem quase nenhum conteúdo, pouquíssimo! Me acrescentou, não vou dizer, porque eu entrei aqui na quinta serie, melhorei bastante, mas não tanto quanto gostaria. (Maria)

A minha opinião é o mesmo caso dela, né? Eu vim também na primeira série, segunda, terceira pra chegar, mas o ensino que. que.. deixa a desejar. Nós nos comprometemos, [...] nós vamos partir pra canto melhor, procurar outro destino, mas o conteúdo do ensino, tá péssimo. Tá ninguém esperava não. A semana todinha tinha uma aula por semana. Tem semana que a gente vem por aqui duas três aulas por semana. (Julio)

E muita das vezes é porque ... a gente mesmo tem que escolher o assunto que a gente quer aprender. Por conta também desse EJA, foi uma coisa que ... não foi planejado conosco e sim só ... com a participação da direção, a gente não concordou nem discordou porque não tivemos a oportunidade de falar. E ... por uma parte isso nos prejudica muito, porque tem assunto que a gente não vê todo, são assuntos pela metade. (Mônica)

No grupo de discussão, também, os jovens e adultos e mais enfaticamente estes últimos apresentam a questão de valorizar os estudos pelos desafios que fizeram para continuar estudando. Segundo eles, ter o diploma de ensino médio é fundamental para não ser excluídos do mercado de trabalho

Eu acho que realmente... ajuda pra o futuro, porque não é possível que nada que se passe não vá contribuir pra você em alguma coisa no seu futuro.. Quanto ao superior, só com o ensino médio da escola pública, não sei as outras como ele disse, mas essa daqui dificilmente você consegue uma vaga principalmente com o ENEM. (Maria)

Toda pessoa que terminar o pode ter certeza que pode trabalhar de gari (Pedro)

Exatamente, até gari tá precisando de segundo grau agora [...] até pra ser gari tá precisando de ensino médio agora. Tem uma empresa de limpeza aqui do outro lado meu marido trabalha, agora pra ser gari tem que ter o ensino médio. Então contribui bastante porque se não tiver hoje em dia acho que....e agora pra frente vai ser quase impossível você conseguir emprego. (Maria)

Identificamos conflitos em relação à passagem recente para ensino médio na modalidade EJA. Eles já eram estudantes da escola no ensino fundamental e ao dar continuidade no ensino médio tiveram que aceitar a mudança para as turmas do noturno do ensino médio na modalidade EJA, que dentre outros aspectos diminui o tempo de conclusão do curso para dois anos. Estes estudantes se sentem marcados por esta condição, que, segundo eles, não possibilita o mesmo tempo e qualidade de escolarização dos colegas do vespertino que não estão na modalidade EJA.

Com tal sentimento de estudantes de “segunda categoria” convivem neste espaço estudantes que trabalham o dia inteiro, que afirmam utilizar os momentos de lazer para dormir, que geralmente têm mais dificuldade para utilizar a informática e jovens que buscam viver suas juventudes a partir de atividades de lazer, de encontro com os amigos, música, dança e que utilizam a informática como modo de se expressar e

comunicar entre si. Neste processo ocorreu a divisão da turma tendo como critério a idade.

Quando contam o que ocorreu identifica-se conflito na convivência entre os estudantes com mais idade e os mais novos. Nestas primeiras análises, os jovens, por exemplo, se referem aos colegas como idosos. Os adultos, por outro lado, identificam uma parte dos jovens como desinteressados pela escola, pelos estudos e trazem à tona um sentimento de que sofrem preconceito dos colegas mais novos e que, também, apesar de tal preconceito apresentam melhores resultados nos estudos. Uma estudante explica:

aconteceu ano passado, assim os mais jovens não queriam ficar na nossa turma, teve esse preconceito ano passado. Aí foi quando dividiu a turma, assim, os mais velhos ficaram só numa turma, os mais jovens em outra. O ano passado teve esse preconceito assim aqui

Outro adulto explica

a pessoa ser menos jovens...eu sou o vovô da sala (risos) entendeu? Os jovens ficam de olho. Tem uns que diz logo: essa é a sala dos velhos (risos), chama a sala dos velhos".

Uma aluna acrescenta

acho que o preconceito ele existe, tanto de um lado como de outro, quer dizer que só o jovem que tem com a gente não, a gente tem com eles, como, gosta de generalizar, ah, é maloqueiro, é bagunceirinho, você pode tornar um velho bagunceiro, nunca se torna um adulto responsável, isso aí é muito relativo. É verdade

Dando continuidade à discussão Um jovem acrescenta que "o preconceito veio da parte da própria direção dos professores".

A maioria dos alunos concorda com a opinião dele. Outra estudante acrescenta que gostaria de fazer parte da sala dos adultos, entretanto a direção da escola não permitiu.

Como resultado desta discussão um jovem explica que foi a própria direção da escola no processo de passagem para a modalidade EJA, apresentou preconceito. Os colegas concordam com os estudantes. E outra jovem acrescenta que

[...] ninguém ano passado foi comunicado sobre o EJA, descobriu esse ano que a gente ia ter o EJA. Então prejudicou a gente [...].

Portanto, pode-se identificar que a escola é importante para estes jovens e adultos, mas também produz frustrações e desencantos. Eles precisam utilizar táticas para driblar sua condição de vida e as dificuldades de se relacionar com a escola e para viver suas vidas como jovens e como pessoas adultas.

Uma dessas dificuldades emerge no grupo de discussão e se refere à falta de diálogo entre si em relação aos problemas que vivem na escola, entre eles e os professores e gestores em relação a estes problemas, necessidades. Estes sujeitos expressam a tensão velada no cotidiano escolar e uma parte deles identifica que os problemas foram gerados por estarem na modalidade EJA, contra sua vontade. Chegam a conclusão, ainda, que os preconceitos vivenciados como conflitos de geração se instauram principalmente pelo modo como os gestores e professores da escola se relacionam com estes estudantes, pela divisão das salas pelo critério de idade, pelos discursos apreendidos de que as dificuldades de aprendizagem são daqueles com mais idade.

É importante destacar que no decorrer do grupo de discussão é unânime entre eles a queixa de que não são consultados em relação à vida escolar, ao currículo e às regras da escola, dentre outros aspectos e de que as decisões tomadas na escola contribuem para aprofundar os preconceitos vivenciados na instituição. Portanto, nestas primeiras análises, os jovens, por exemplo, se referem aos colegas como idosos.

Os estudantes com mais idade identificam uma parte dos jovens como desinteressados pela escola, pelos estudos e trazem à tona um sentimento de que sofrem preconceito pelos jovens.

Estes sujeitos, no diálogo entre si, expressam a tensão velada no cotidiano escolar. Identificam problemas de estarem na modalidade EJA e os preconceitos vivenciados, como os conflitos de geração. Estes jovens e adultos discutem e chegam à conclusão de que tais problemas ocorrem principalmente pelo modo como os gestores e professores da escola se relacionam com eles; pela divisão das salas pelo critério de idade; pelos discursos apreendidos de que as dificuldades de aprendizagem são daqueles com mais idade. É unânime entre eles a queixa de que não são consultados em relação à vida escolar, ao currículo e às regras da escola, dentre outros aspectos e de que as decisões tomadas na escola contribuem para aprofundar os preconceitos vivenciados na instituição. Todos estes aspectos nos revelam indícios da importância e necessidade de fazer emergir as vozes dos diferentes sujeitos que interagem no espaço escolar.

Referências:

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de Fazer. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2007
- GOMES, Candidato Alberto et al. A expansão do ensino médio e a educação de jovens e adultos: alternativa negligenciada de democratização? Disponível em <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/87/89>>. Acesso em: 20 jan. 2012.
- KUENZER, A.Z. O ensino médio agora é para a vida: entre o pretendido, o dito e o feito. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 21, n. 70, p. 15-40, abr. 2000
- MENEZES, L. C. O novo público e a nova natureza do ensino médio. *Estudos Avançados*, 15 (42), 2001.
- SPOSITO, Marília P.; GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. *Perspectiva - Revista do Centro de Ciências da Educação da UFSC*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 345-380, 2004.
- ZIBAS, Dagmar. A reforma do Ensino Médio nos anos de 1990: o parto da montanha e as novas perspectivas. In: *Revista Brasileira de Educação*, n. 28, 2005
- REIS, Rosemeire. Encontros e Desencontros: a relação de jovens/alunos do Ensino Médio com os saberes escolares. 203p. *Tese (Doutorado em Educação)*. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006.
- SANTOS, Cleber N. Políticas da Educação a Distância no Ensino Superior: o foco no aluno do Sistema UAB/UFAL. Maceió: UFAL, 2011. 315 f. *Dissertação (Mestrado em Educação)* – Programa de Pós—Graduação em Educação Brasileira, Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.
- WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológico e análise de uma experiência com o método. São Paulo, 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a03v32n2.pdf>>. Acesso em: 08 de set. 2011.
- VAN ZANTEN, Agnès. *L'école de la périphérie: scolarité et ségrégation en banlieue*. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.